

## Graciliano Ramos e “os fuzuês de Rocambole”: leituras sob o império da imaginação

Fernanda Coutinho\*

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é relacionar historiografia literária e literatura comparada, por intermédio dos modos de apreensão do herói folhetinesco Rocambole, em ambientes distantes geográfica e culturalmente, como o buliçoso Rio de Janeiro do século XIX e a pacata cidade de Viçosa, em Alagoas. Vai-se tomar como bússola, para tal, a circunstância de leitura do romance folhetim por parte do Graciliano Ramos menino, a qual desencadeia no futuro escritor um novo padrão de apreciação do texto literário, fornece notícias sobre o papel dos mediadores locais e lança questionamentos sobre a existência ou não de um cânone literário infantil à época.

**PALAVRAS-CHAVE:** historiografia literária, literatura comparada, leitura, Rocambole.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to relate Literary Historiography and Compared Literature, by means of the manners of apprehension of the pamphlet hero, Rocambole, in different environments, according to geography and culture, like the XIXth century restless Rio de Janeiro, on one hand, and the peaceful town of Viçosa, in Alagoas, on the other. The compass for this relationship will be the reading of serial popular novels by Graciliano as a child, which causes in the future writer a new pattern of appreciation of the literary text, supplies information about the local mediators' role, and throws doubts about the existence or not of an infantile literary canon at the time.

**KEYWORDS:** Literary Historiography, Compared Literature, reading, Rocambole.

---

\* Universidade Federal do Ceará (UFC).

Na *História de 15 dias*, de 1877, no Livro I, “Aleluia, Aleluia”, Machado de Assis faz *urbe et orbi* a confissão de

um pecado. Essa confissão, na realidade, é dirigida, mais exatamente, “a todos os ventos do horizonte: eu (cai-me a cara ao chão), eu [...] nunca li *Rocambole*, estou virgem dessa *Iliada* de realejo”. O cronista prossegue enumerando uma série de outras “obras mágicas”, que, ao contrário, haviam sido objeto de sua leitura, para ao final, em tom bem-humorado, acrescentar: “[...] nunca jamais em tempo algum me lembrou ler um só capítulo do *Rocambole*. Inimizade pessoal? Não; posso dizer à boca cheia que não. Nunca pretendemos a mesma mulher, a mesma eleição, o mesmo emprego” (Assis, 1982, p. 357). A título de remissão da aludida falta, o escritor carioca recorda-se da antiga encenação de um drama levado ao teatro por Furtado Coelho<sup>1</sup> onde pôde ver e ouvir: o ágil *Rocambole*, de uma agilidade próxima à ubiquidade – duvidar, quem há-de? –, se não, como escapar ao emaranhado de aventuras, que lhe fartavam a trepidante existência?

O controvertido personagem prossegue em sua mira, na *História de 15 dias*, sendo assunto do Livro II, intitulado “Aquiles, Enéias, Dom Quixote, *Rocambole*”, no qual, numa comparação empreendida entre ele e os outros personagens igualmente dados a façanhas, o cronista, embora não conceda realeza a *Rocambole*, como aos dois primeiros, ou sublimidade, ainda que apenas nas intenções, como no caso do cavaleiro da triste figura, não lhe nega, contudo, importância, como se verifica no fecho da crônica: “Outrora excitavam pasmo aquelas descomunais lanças argivas. Hoje admiramos os alçapões, os nomes postiços, as barbas postiças, as aventuras postiças. Ao cabo, tudo é admirar” (Assis, 1986, p. 358).

Ao se referir ao personagem folhetinesco e ao glosar o espírito desse gênero de narrativa, tomando-os como assunto dessas saborosas notícias sobre o Rio de Janeiro de seu tempo, a *nonchalance* de Machado de Assis abre espaço para uma reflexão acerca das relações entre literatura comparada e historiografia literária.

---

<sup>1</sup> Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho nasceu em Lisboa em 1831, vindo para o Rio de Janeiro em 1856. Na corte, esse versátil lisboeta desenvolveu as atividades de teatrólogo, romancista, ator, empresário teatral, além de compositor e pianista, daí o pseudônimo de Fallopio. Furtado Coelho faleceu em Lisboa, em 1900, desaparecendo junto com o século que ele tanto ajudou a alegrar. Machado de Assis a ele se refere em outra crônica do mesmo livro, dizendo: “Na hora em que escrevo estas linhas, preparo-me para ir ver um sapatinho de cetim, – o sapatinho que Dona Lucinda nos trouxe da Europa e que o Furtado Coelho vai mostrar ao público fluminense”.

É, portanto, o bom, velho e dissimulado Machado de Assis – quem é capaz de garantir que todo esse vácuo quanto às páginas recolhidas via leitura não passa de mais um de seus logros? – que aqui mediará a abordagem da questão. O ângulo preferencial desta análise será o protocolo de leitura que o herói criado por Ponson du Terrail (Montmaur, 1829 - Bordeaux, 1871) desencadeará em Graciliano Ramos (Quebrangulo, AL, 1892 - Rio de Janeiro, 1953), não, porém, no escritor consagrado, e, sim, no Graciliano menino que se iniciava no universo da leitura.

Registrando a presença do personagem francês no gosto literário de sua época, Machado de Assis empreende uma ponderação de delineamento historiográfico, na medida em que deixa entrever a compreensão das narrativas literárias como histórias de muitos portos – do Havre ao porto do Rio de Janeiro, por exemplo, por quantos lugares não passara o irrequieto Rocambole? Esse aspecto marca a dinamicidade do fenômeno ficcional, e assinala igualmente a flexibilidade da compreensão da historiografia literária, na medida em que a ela se agrega o influxo irradiador comparatista. Uma viagem dos livros, então, poderia ser uma primeira fórmula para se pensar a literatura, nessa conjunção entre historiografia e comparativismo.

Como se sabe, cabe ao historiador literário o papel de ordenador das experiências estéticas de um determinado povo, e, no desempenho de sua tarefa, não poderia prescindir de um critério de ação. Que critério adotar, então? A questão não é simples, pois são inúmeras as variáveis envolvidas nessa que é indubitavelmente uma cartografia intrincada.

A pergunta de Yves Chevrel: “Será possível escrever uma história da literatura européia?” (Chevrel, 2004, p. 55) concentra um debate problemático, o qual, ainda que em menor escala, está presente na raiz de indagação semelhante: Será possível escrever uma história da literatura brasileira? Materialmente, a resposta é positiva e boas histórias circulam nas mãos de quem se interessa por essa

sorte de estudos. O que se quer colocar aqui, partindo das observações de Chevrel, é que, de uma maneira geral, a historiografia tem-se apegado à noção de organicidade, buscando precipuamente ser fiel à linha do tempo em que se inserem autores e obras. O estudioso assinala em seguida que “para integrar a história das criações literárias numa história que não seja uma sucessão de notícias individuais, o historiador de uma literatura nacional faz apelo a grandes conjuntos, delimitados por referências à vida política e social do país em causa” (Chevrel, 2004, p. 66-67). E fornece como exemplos a tendência à sucessividade dos séculos adotada pela literatura francesa, a vinculação aos reinados na da Inglaterra e a ligação a eventos significativos, do ponto de vista literário, na Alemanha, a qual toma como baliza a morte de Goethe.

Em “O lugar do leitor: do texto aberto aos protocolos de leitura”, chama-se a atenção para o fato de que a seleção de obras e autores com fins didáticos, que redundam na constituição de escolas e de estilos, dá-se “posteriormente à elaboração das obras em si e que ela tem caráter precário e provisório” (Pinto, 2004, p. 56).

Pelo que se percebe, então, é necessário cautela a fim de não deixar prevalecer para a historiografia unicamente um padrão de linearidade, como o sugerido pelo crivo temporal, do contrário, muitas questões permanecerão em aberto, principalmente as relativas à intervenção do leitor como um novo regente no que toca a uma reorganização do campo literário, reorganização sugerida por uma série de aspectos, inclusive os ditados por sua subjetividade. Tratando a questão de forma mais específica: Como explicar momentos fulgurantes da presença de Rocambole em nosso sistema literário – como no caso de Graciliano Ramos – tendo por base uma historiografia de feição periodológica?

Sabe-se que o auge da fortuna do personagem corresponde à voga do romance-folhetim, principalmente à época de nosso Romantismo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para esse gênero de estudos, a fonte primordial é o hoje clássico: *Folhetim: uma história*, de Marlyse Meyer.

No entanto, proclamando sua paixão pelo personagem, já em pleno século XX, na medida em que o elege como indutor de maravilhamento, Graciliano Ramos implanta uma dupla sinuosidade no traçado historiográfico brasileiro: em primeiro lugar, pela reinstalação do personagem em lugar de destaque no sistema literário, e, em segundo, por alocá-lo como material de evasão a ser fruído pelo público infantil, quando antes fora ele mais legitimamente fonte de leitura de adultos. Fica assim mais um questionamento: como situar Rocambole em face da historiografia literária infantil brasileira? Em outras palavras, o que liam nossas crianças nesse período?

Como se verifica, torna-se pertinente, nesse sentido, entender o fenômeno historiográfico a partir da dimensão comparatista, pelo viés de uma história da leitura, a qual também se escreve pelo registro do efeito catártico decorrente do convívio com a dimensão fantasiosa da ficção.

A esse propósito, retomando o metadiscurso em que Machado discorre sobre as diferenças entre o outrora e o contemporâneo de sua época, no que diz respeito ao “excitar pasmo”, vê-se aí colocada em evidência a necessidade humana, demasiadamente humana, de fuga ao ordinário, aspecto que remonta às ponderações platônicas, que detectavam na evasão provocada pela arte um descaminho para a harmonia da alma. Essa discussão, por direito, também inclui Aristóteles, que, em desacordo com seu mestre, enxergava nessa espécie de desvio uma das fórmulas de conquista dos leitores das epopeias ou dos espectadores das encenações dramáticas.

Mario Vargas Llosa, por sua vez, em *A verdade das mentiras*, coloca a ficção como o fator de homeostase engendrado pela imaginação para acomodar elementos tão discordantes como a limitação da realidade e a desmedida da vida imaginária. Ao mergulharmos na ficção, diz ele: “Nela nos dissolvemos e nos multiplicamos, vivendo diversas outras vidas além da que temos e das que poderíamos

viver se permanecêssemos confinados no verídico, sem sair do cárcere da história” (Llosa, 2004, p. 25).

Todas essas observações revelam-se pertinentes, na passagem do Rio de Janeiro do século XIX, à Alagoas do princípio do século XX, onde é possível agora, como já se sabe, encontrar o mesmo Rocambole, bem situado no mapa das leituras de formação de Graciliano Ramos, que não quis repetir o “pecado” de seu antecessor. Em seu caso, aliás, se houvesse culpas a confessar, iriam elas exatamente na direção oposta.

Se a recepção das mirabolâncias envolvendo o personagem chega a bouleverisar o futuro escritor, é bem o caso de se perguntar em que condições ocorreu esse contato, tomando essa circunstância de leitura como um elemento a mais no entendimento da historiografia pela visada comparatista.

A resposta à pergunta comporta uma retrospectção acerca dos primeiros anos de Graciliano relatados em *Infância*, os quais dão conta de um indivíduo totalmente acachapado por temores. É um massacrado narrador retrospectivo que, por exemplo, afirma a certa altura do texto: “Eu vivia numa grande cadeia.” E agudiza ainda mais a afirmação, desdizendo-se, ato contínuo, por meio da retificação amesquinhante: “Não, vivia numa cadeia pequena, como papagaio amarrado na gaiola” (Ramos, 2006, p. 220-221).

Nesse sentido, esse livro de memórias tem o poder de um libelo ao expor cruamente as agruras sofridas pelas crianças em geral e pelo narrador em particular, agruras decorrentes do atraso reinante, no interior do Brasil, nesse período, no tocante à qualidade das interações interpessoais, ao modelo dos rituais de entrada no universo das letras e ao desconhecimento da criança como um ser idiossincrático.

Essas experiências primordiais trouxeram como consequência muitos transtornos até que o menino conseguisse se desembaraçar das dificuldades encontradas na elucidação dos “cipoais escritos” e da “confusão de verdades espinhosas” (Ramos, 2006, p. 132). Esses sintagmas tra-

duzem à perfeição a condição de seu contato inicial com o mistério das letras, colocando, inclusive, num mesmo patamar de aridez elementos distintos como natureza e cultura. Por que a forma de se abeberar do conhecimento deveria necessariamente reproduzir a secura da caatinga, com sua vegetação pouco veludosa? Mas, superado o temor dos hieróglifos esfingéticos, e alcançada a decifração dos caracteres antes esotéricos, dá-se uma metamorfose: a criança é tomada por uma febre de leitura, o que também se encontra anotado nas páginas de reminiscências.

Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, coisas até então desconhecidas. Em falta disso, agarrava-me a jornais e almanaques, decifrava as efemérides e anedotas das folhinhas. Esses retalhos me excitavam o desejo, que se ia transformando em ideia fixa (Ramos, 2006, p. 229).

Onde, entretanto, encontrar livros de verdade, naquele meio tão acanhado? Audálio Dantas, biógrafo do Graciliano menino, descreve-o passeando pela calçada da casa do tabelião Jerônimo Barreto, “espichando os olhos para a sala onde uma grande estante exibia encadernações coloridas” (Dantas, 2005, p. 26).<sup>3</sup>

Alimentando-se dos intercâmbios entre sistemas artísticos, a literatura comparada ampara-se enormemente na noção de “mediador”, noção duplamente conotada, pois reúne “tudo o que condiciona as transferências, quer se trate de suportes materiais ou da ação de personalidades” (Chevrel, 1989, p. 54). Ao confiar seu patrimônio literário ao ávido leitor, Jerônimo Barreto transforma-se em um dos elos dessa cadeia que liga as literaturas de línguas irmãs. Barreto faria o papel de alguém encarregado de entregar o bilhete de viagem ao passageiro, prestes a se lançar no mundo aventureiro.

No caso de Graciliano, a referência às capas coloridas dos livros do tabelião contrasta vivamente com a descrição material do breviário infantil da época, o livro do Barão de

---

<sup>3</sup> Tomando por base a precariedade de livros no interior alagoano, Dênis de Moraes simula a seguinte situação narrativa, em suas memórias de Graciliano, deixando à mostra a generosidade de Jerônimo Barreto: “Como consegui-los em Viçosa senão recorrendo à sedutora biblioteca do tabelião, porta de entrada para terras inóspitas e segredos bem guardados? Jerônimo sorriu gostosamente, alisando-lhe com a palma da mão os cabelos mirrados. – Pegue o que você quiser, são seus – disse, quebrando a distância entre o menino de calça curta e a fortaleza de tomos encadernados” (Moraes, 1996, p. 6-7).

Macaúbas: “Um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco” (Ramos, 2006, p. 129).

Não por acaso, o autor do breviário, Abílio Borges (1842-1891), fundador do Colégio Abílio, e considerado o protótipo para o Aristarco de *O Ateneu*, romance de Raul Pompéia, publicado em 1888, inspirou ao velho Graça uma crônica nada edificante, transcrita na seção de *Linhas tortas*, denominada “Traços a esmo”, na qual o autor, sob o pseudônimo de J. Calisto, vocifera: “Voto ao muito ilustre educador Abílio Borges uma profunda aversão. Nunca perdoarei àquele respeitável barbaças as horas atrozes que passei a cochilar em cima de um horrível terceiro livro que uns malvados me meteram entre as unhas” (Ramos, 2005, p. 94).

Depois de relatar minuciosamente, em todas as suas estações, o calvário das crianças que tiveram de se submeter a tais padecimentos, o cronista conclui: “Os livros infantis! Que livros! São paus de sebo a que a meninada é compelida a trepar, escorregando sempre para o princípio antes de alcançar o meio, porque afinal aquilo é um exercício feito sem o menor interesse de chegar ao fim” (Ramos, 2005, p. 94).

A comparação de Graciliano remete, por contraste, à ideia da leitura como algo indutor de prazer, aventura espontânea e não exercício compulsório e sensaborão como o há pouco descrito. Seria preferível, então, retomar a potência da ideia de viagem para espelhar sua nova forma de relacionamento com os livros, relacionamento mediado pelos encantos da fantasia. A viagem, trazendo em si a noção do abandono ao estático, revela, com precisão, o sentido de dinamicidade, de troca, de convívio com o diferente, aspectos tão caros à imagologia, um dos pilares da literatura comparada.

Como tal, é possível pensar, neste segundo momento, nas viagens realizadas pelo leitor por meio das histórias que vão sendo absorvidas por seu imaginário.

No caso de Graciliano, na faixa dos dez anos de idade, a revelação de outras realidades vai sendo feita, pouco a pouco, pelo próprio Jerônimo Barreto, que inicia sua cruzada literária por meio do empréstimo de obras do Romantismo, como *O Guarani*, embora Alencar não chegue exatamente a empolgar o leitor principiante. Depois: histórias do Macedinho, e, em seguida, Jules Verne. Na realidade, contudo, o *frisson* em seu estado mais vivo coincidirá com o sôfrego virar de páginas em busca dos inumeráveis “e depois” que são a própria essência da vida do personagem de maior apelo de Ponson du Terrail.

É um narrador distanciado do terra-a-terra de seu cotidiano que registra em *Infância*: “Nesse tempo eu andava nos fuzuês de Rocambole”. E as aventuras de tirar o fôlego eram sorvidas “em folhetos devorados na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do Paraíba, em cima do caixão de velas, junto ao dicionário que tinha bandeiras e figuras” (Ramos, 2006, p. 232).

O discurso reiteradamente hiperbólico da afirmação de Graciliano vem ao encontro do entendimento da leitura como “uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência”. A complementação desse pensamento reside na afirmação de que “o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção” (Jouve, 2002, p. 108).

No caso de Graciliano, a evasão como uma experiência nutridora da psique pode ainda ser aferida pela valorização do indivíduo: essas leituras vão representar uma prática balsâmica, um pilar na constituição de um novo sujeito.

Se, anteriormente a essa experiência, o menino constrangia-se com o pouco caso em que era levado na escola e em casa, agora conhecia o valor da solidão produtiva, ou melhor, reconhecia que se evadir das pessoas em função de uma boa narrativa, isso, sim, era compensador.

Quando tomei pé na Europa, eles exploravam outras partes do mundo. Surdo às explicações do mestre, alheio aos

remoques dos garotos, embrenhava-me na leitura do precioso fascículo, escondido entre as folhas de um atlas. Às vezes procurava na carta os lugares que o ladrão terrível percorrera. E o mapa crescia, povoava-se, riscava-se de estradas por onde rodavam caleças e diligências.

Conheci desse jeito várias cidades, vivi nelas, enquanto os pequenos em redor se esgoelavam, num barulho de feira. O rumor não me atingia. Em vão me falavam. Sacudido, sobressaltava-me, as idéias ausentes, como se me arrancassem do sono (Ramos, 2006, p. 233).

Em histórias de leitura de literaturas de outras procedências também é possível deparar com passeios pelos bosques da ficção, em registro semelhante ao de Graciliano, em que a solidão, longe de estorvar, aparece regida pela plenitude.

Esse é um novo eixo que se apresenta para a correlação historiografia *versus* literatura comparada, sendo, então, interessante lembrar, a respeito, os depoimentos de Marcel Proust e de Jean-Paul Sartre, colhidos em livros que remetem às suas memórias infantis. Em *Sobre a leitura*,<sup>4</sup> é transcrito o comentário que se segue: “Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido” (Proust, 1989, p. 6).

No depoimento de Sartre, o que parece ser uma declaração de não infância, a princípio, fica patenteado, ao final, como uma vivência em pleno reino do *ludus*.

As densas lembranças, e a doce sem-razão das crianças do campo, em vão procurá-las-ia, eu, em mim. Nunca esgaratei a terra nem farejei ninhos, não herborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos; meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era um mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade (Sartre, 1978, p. 14).

---

<sup>4</sup> As ponderações teóricas de Proust sobre a leitura apareceram inicialmente em um seu prefácio à tradição de *Sésame et les Lys*, de John Ruskin. O que seria, a princípio, um simples prefácio adquiriu foros de obra independente, pela profundidade do conteúdo. O livro, intitulado *Les Hautes et fines enclaves du passé*, trazia como subtítulo *Sur la lecture*. A tradução brasileira ateve-se ao subtítulo, que passou a designar a obra.

*Infância*, como se verificou, dá ainda a conhecer a rusticidade dos lugares das práticas leitoras de então, dando margem a um cotejo com outra experiência de leitura, no caso, agora, a de um escritor brasileiro, o próprio José de Alencar. Já se tornou lugar-comum em nossa história social a referência ao “ledor da família”, como ele se autointitula em *Como e por que sou romancista*. Para ele, esse cargo era uma honraria da qual se orgulhava, como nunca acontecerá depois no magistério ou no parlamento.

Ao se reportar aos hábitos culturais no ambiente doméstico brasileiro no século XIX, Leila Mezan Algranti relaciona a leitura em voz alta ou silenciosa ao gozo da intimidade dentro dos lares, o que é atestado, segundo ela, pelo achado fortuito de livros nos inventários paulistas e mais ainda no das famílias ilustradas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. A estudiosa afirma, contudo, que “Não era, todavia, hábito muito difundido, tomando-se em conta, inclusive, o fato de grande parte da população ser iletrada até o início do século” (Algranti, 1997, p. 115).

Se Graciliano não experimenta a liberdade de leitura de Proust e Sartre, inclusive na facilidade de posse dos livros, nem o destaque de Alencar, junto aos familiares, sabendo-se que os seus eram, quase sempre, desapegados dos livros, em compensação, depois de adentrar o mundo ficcional, fica difícil pensar, ainda, no “papagaio preso na gaiola”, tristemente agarrado à sua prisão? O arrebatamento provocado pela leitura, a satisfação colhida na viagem por meio dos livros, revela agora alguém presa dos encantamentos, das seduções das histórias cheias de idas e vindas dos personagens, num movimento frenético que ultrapassa as páginas dos folhetos, vindo reverberar no arrebatamento feliz de quem empreende a descoberta de outros mundos.

Daí por diante, o novo leitor redesenha os contornos de uma realidade que não esboça nenhuma resistência ao seu comando, ao contrário dos ásperos acontecimentos do mundo empírico. Nesse sentido, é cabível falar na experiên-

cia do *gaudium*, assim definida por Barthes: “prazer que a alma experimenta quando considera a posse de um bem presente ou futuro como assegurada; e possuímos tal bem quando ele está de tal forma em nosso poder que podemos usufruir dele quando queremos” (Barthes, 2003, p. 47).

As leituras francesas do Graciliano criança, particularmente as de Ponson du Terrail, são elementos importantes para o desenho de um diagrama do trânsito dos livros no circuito Europa/Brasil, na passagem do século XIX para o século XX, diagrama que, se não repercute o gosto literário da época em nosso país – o Rocambole do bulício da Corte já não causa tanto furor no Rio de Janeiro republicano dos marechais –, pelo menos o faz com relação à pacata localidade em que vivia o escritor, aqui plasticamente descrita por Audálio Dantas: “O Morro do Pão-sem-miolo é um dos muitos que rodeiam a cidade de Viçosa, em Alagoas. A cidade sobe por ele, espicha-se em ruas compridas, enrola-se em becos, as casas humildes mal enfileiradas” (Dantas, 2006, p. 17).

Cabe então uma pergunta: Por que as aventuras do herói de Ponson du Terrail, Rocambole, deixava os leitores, crianças e adultos nesse estado de sofreguidão?

Herdeiras do espírito frenético dos romances barroco e gótico, suas narrativas transformaram-no, segundo Patrice Soler, em um “mito da literatura popular” (Soler, 2001, p. 380). Nos folhetins em que figurava, reinava a plethora de incidentes dramáticos, neles desfilando vampiros, castelos, príncipes, testamentos. Aliás, o tema da herança é praticamente onipresente, dando a Rocambole a oportunidade de exercer ações que empurravam com todo vigor a narração para os caminhos sem fronteiras da inverossimilhança.

Reprisando, mais uma vez, a ideia de viagem, flagrase agora o próprio criador como um *flanêur*, e dessa *flanêrie* criam-se novas circunvoluções no terreno da arte literária, a viagem que os escritores empreendem a um sítio comum, patrimônio sedimentado no fluxo leitura/impregnação/reescrita. O sentido da viagem encontra assim equivalência

na noção de intertextualidade, definida por Tiphaine Samoyault como “mémoire de la littérature” (Samoyault, 2001, p. 1). Tendo em vista a super utilização do termo intertextualidade, a autora adverte sobre o atual emprego de expressões menos pontuais para dizer da presença de um texto em outro. Assim é que se reporta a “tissage, bibliothèque, entrelacs, incorporation ou simplement dialogue”. Chama ainda a atenção para o fato de que “la littérature s’écrit certes dans une relation avec le monde, mais tout autant dans une relation avec elle-même”<sup>5</sup> (Samoyault, 2001, p. 5).

---

<sup>5</sup> “tessitura, biblioteca, entrelaçamentos, incorporação ou simplesmente diálogo”. “A literatura se escreve, é verdade, em uma relação com o mundo, mas principalmente em uma relação consigo própria, com sua história, a história de suas produções.”

Como tal, é importante grifar a observação de Soler sobre a presença nos *Dramas de Paris*, de Ponson du Terrail, de autores franceses como Eugène Sue, Balzac e Victor Hugo, dentre outros. No caso, então, Rocamboles teria em suas veias o sangue de “Rodolfo, de *Os Mistérios de Paris*, de Monte-Cristo, de Dumas, de Valjean e de Vautrin” (Soler, 2001, p. 380). Soler atualiza o personagem fazendo-o próximo de uma versão masculina de Zazie, a *Zazie dans le métro*, de Raymond Queneau (1959), que se apresentará em um outra roupagem, no filme de Louis Malle, de 1960.

Como se vê, as aproximações entre historiografia e literatura comparada, com a abertura da última rumo ao mundo da leitura, puderam revelar produtividade ao se pensarem questões como a existência ou não de um cânone da literatura infantil no começo do século XX, nas regiões interiores do Brasil. O fato de Graciliano leitor ter-se iniciado por obras da literatura adulta tem algo a nos inquirir. Outro aspecto importante é sua confessada predileção pela literatura de folhetim, inscrita mais frequentemente no rol da chamada paraliteratura. Graciliano, que em sua atividade de escritor se firmou como um esteta, apresenta essa faceta de descompromisso com um rigor de elaboração textual em seus momentos de formação. O que só vem demonstrar que as respostas para tanto se encontram em aliar-se historiografia e literatura comparada, e ambas, investigando as condições de leitura do escritor, facilmente vão descobrir na soltura

do folhetim a descompressão psicológica buscada pelo menino alagoano.

As notícias biográficas relacionadas a Graciliano Ramos costumam registrar 1952 – o ano anterior à sua morte – como o ano de sua visita à França, convidado para assistir às comemorações do sesquicentenário de Victor Hugo, viagem essa que compôs o roteiro europeu, cujo ponto mais alto seriam os festejos de 1º de maio, em Moscou.

Em *Mestre Graciliano, confirmação humana de uma obra*, Clara Ramos assinala o pouco entusiasmo do pai com relação a deslocamentos, informando que, nessa circunstância, o velho Graça “é outra vez viajado” (Ramos, 1979, p. 232), acrescentando, contudo, que, em Paris, o escritor brasileiro “dá longas caminhadas pelo cais Anatole, ruelas e avenidas, examinando as caixas dos alfarrabistas, ‘como um basbaque, interrogando sem-cerimônia a gente da rua’” (Ramos, 1979, p. 232).

Na realidade, pelo que foi visto, Graciliano, de um outro modo, já desfrutara daquelas paisagens, não exatamente as mesmas, porque o progresso, marca registrada da passagem do século XIX para o XX, encarregara-se de atapetar a bela cidade de exuberantes jardins, dotando-a, também, de grandes bulevares, mais apropriados à circulação fervilhante de pessoas e automóveis, pois, como se sabe, a palavra da moda, de há muito, vinha sendo *velocidade*.

Com relação à França, no entanto, o viajante já experimentara outras sensações de espanto, pois o leitor Graciliano antecedeu o escritor na realização de frequentes e estimulantes viagens àquele país, viagens por ele mesmo buscadas, proporcionadas por um outro grande leitor, Jerônimo Barreto, e que tiveram como guia habitual Ponson du Terrail, sob cuja sombra transpareciam Balzac, Dumas, Eugène Sue, Victor Hugo e tantos outros adoráveis mentirosos.

## Referências

- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil 1*. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves (Org.). *Compêndio de literatura comparada*. Trad. Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CHEVREL, Yves. *La littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- DANTAS, Audálio. *A infância de Graciliano Ramos*. São Paulo: Callis, 2005.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.
- LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. 3. ed. Trad. Cordélia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004. p. 25.
- MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*. Confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. 38. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Linhas Tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- SOLER, Philippe. *Genres, formes, tons*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

